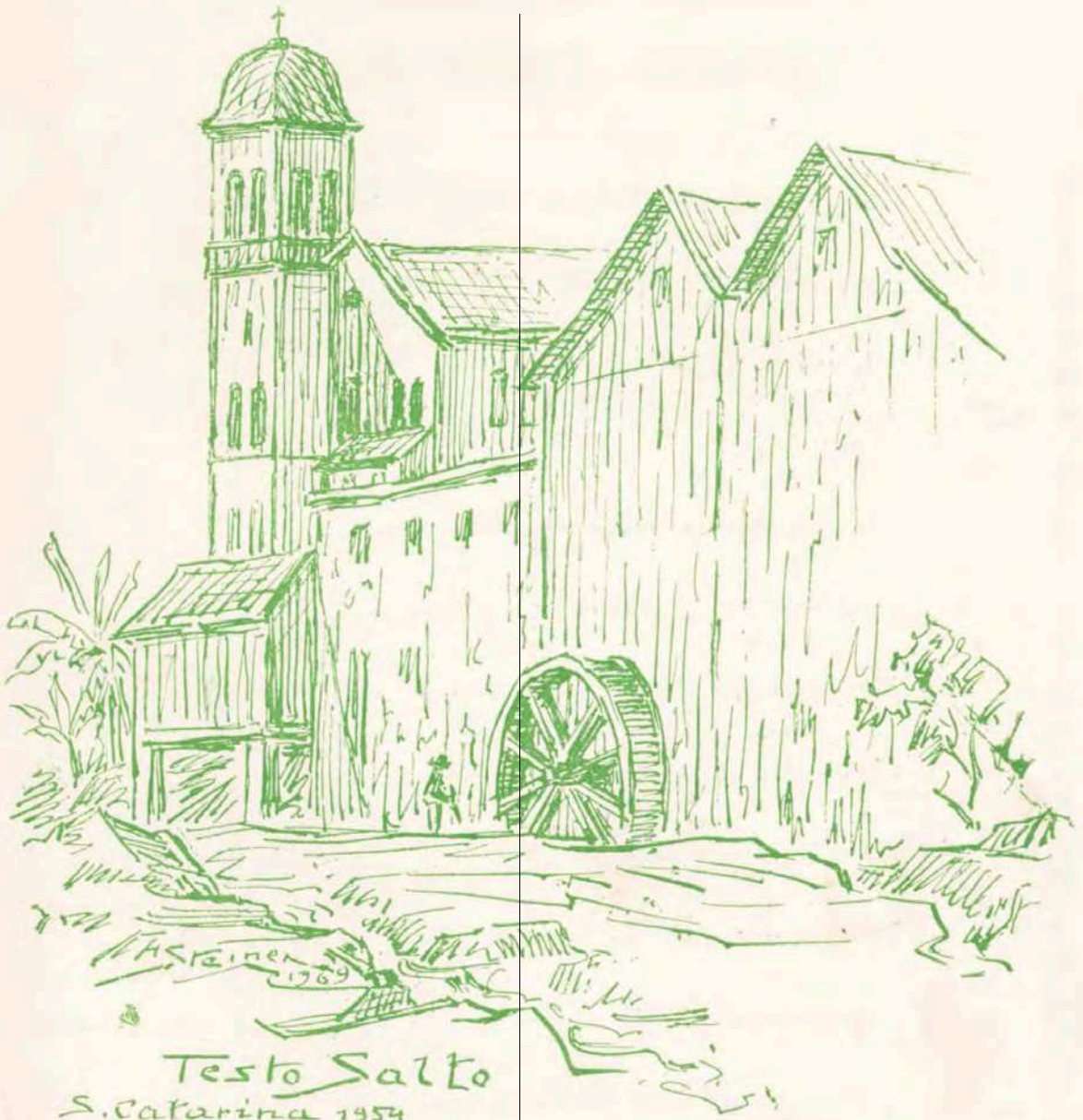


# Blumenau em Cadernos



TOMO XI - ★ MAIO DE 1970 ★ - Nº. 5

CANTO DOS COOPERADORES

**ESTA PUBLICAÇÃO PODE SOBREVIVER GRAÇAS  
À GENEROSA CONTRIBUIÇÃO DOS  
SEGUINTE COOPERADORES:**

*Cremer S/A. — Produtos Têxteis e Cirúrgicos*

*Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.*

*Indústrias Têxteis Comp. Hering S/A.*

*Artex S/A*

*Dr. Henrique Hacker — Blumenau.*

*José Sanches Júnior — S. Paulo.*

*Prefeitura Municipal de Blumenau.*

*Companhia de Cigarros Souza Cruz.*

*Empresa Industrial Garcia S/A.*

*Arthur Fouquet — Blumenau.*

*Tecelagem Kühnrich S/A.*

*Eletro Aço Altona S/A.*

# Blumenau

## *em Ladernos*

T O M O XI — ★ MAIO DE 1970 ★ — Nº. 5

## SALLENTIEN, um dos pioneiros

J. Ferreira da Silva

Foi pena que aquêles que se têm preocupado com o escrever a história de Blumenau, tivessem reunido apenas uma documentação muito reduzida sôbre os 17 primeiros colonos, aqui chegados em 1850. Se o tivessem feito, mais próximos como estavam da época em que êles viveram, poderiam ter-nos contado coisas interessantes que o tempo sepultou no esquecimento e que, com o incêndio do Arquivo Histórico Municipal, não puderam mais ser ressuscitados.

Pouco, muito pouco, tem-se publicado sôbre a vida, os trabalhos, o destino dêsses imigrantes com os quais o Dr. Blumenau fundou o seu estabelecimento, núcleo de que se originou a nossa cidade. Mesmo assim, de quando em quando, surgem elementos capazes de ir, aos poucos, reconstituindo a trajetória de alguns dos fundadores de Blumenau. Entre êstes, como se sabe, estava um certo Franz Sallentien, rapaz solteiro, de 24 anos de idade, natural do Granducado de Brunsvique, terra natal também do fundador de Blumenau.

Pouco se sabia do destino que Sallentien tomara; se havia permanecido com o Dr. Blumenau ou se abandonara o seu estabelecimento. Tudo quanto constava de publicações e documentos a seu respeito, era o que se lê na "História de Blumenau", que integra o livro comemorativo do centenário da nossa cidade, publicado em 1950: "Francisco Sallentien, poucos anos após sua chegada, mudou-se para o local Barra do Rio, próximo a Itajaí, estabelecendo-se com um pequeno negócio nas imediações da atual Fábrica de Papel". E nada mais.

Foi, pois, para mim, uma agradável surpresa quando, um dia dêstes, entra em meu gabinete de trabalho, um cavalheiro ainda jovem, que me apresenta o seu cartão de visita: "Klaus Sallentien, residente em São Paulo".

Nem mais nem menos que um bisneto do imigrante que, com os outros 16 companheiros, plantara os primeiros marcos do desenvolvimento do nosso município. E um bisneto vivamente interessado na genealogia dos seus ancestrais e em conhecer o passado dêles, a sua vida, os seus trabalhos em prol do próprio bem estar e em benefício da coletividade que aqui formaram, com sacrifícios enormes, vencendo inauditas dificuldades.

A visita de Klaus Sallentien ensejou-me oportunidade de novas buscas em meu arquivo. Pude, assim, encontrar algumas fichas relacionadas com nascimentos e óbitos de membros da família Sallentien, tendo, em troca, recebido do meu visitante muitos elementos interessantes sôbre a vida do seu ilustre bisavô.

Tempos depois, Klaus mandou-me cópia de quatro cartas que Franz Sallentien escrevera, da Barra do Rio, onde se estabelecera com uma casa de negócio, às suas irmãs na Alemanha. Essas cartas, além da revelação de fatos históricos que desconhecíamos, trazem muita luz sôbre o próprio caráter do seu autor.

Uma dessas cartas é datada de 26 de agosto de 1854, quatro anos, portanto, depois da chegada de Sallentien à Barra do Ribeirão da Velha, onde o Dr. Blumenau estabeleceu o seu primeiro acampamento.



Joana Osterland, espôsa de Franz Sallentien e duas de suas filhas.

Sallentien, realmente, poucos meses depois de sua vinda, mudara-se para a Barra do Rio, o atual subúrbio da cidade de Itajaí. Ali o Dr. Blumenau comprara terrenos de Agostinho Alves Ramos e fizera construir barracões para hospedagem dos imigrantes que, desembarcados dos veleiros transatlânticos, aguardavam transporte para a sua Colônia, rio acima. Ao mesmo tempo que, com êles, já fazia os seus negócios comerciais, Sallentien auxiliava os patrícios recém chegados, aconselhando-os e instruindo-os.

Construiu, depois, um engenho de serrar madeiras, Itajaí Mirim acima, nos terrenos que mais tarde passaram a integrar a Colônia Brusque. Foi um dos primeiros moradores e colonizadores daquela região.

Mas, não nos afastemos da carta de 26 de agosto, deixando, para outra oportunidade, a narração de outros fatos ligados à vida desse pioneiro da civilização do Vale do Itajaí. Nessa carta, Sallentien deixa transparecer o grande amor que tinha à família, que deixara na Alemanha, principalmente às suas irmãs. Antes da carta a que estamos fazendo menção, Sallentien,

havia escrito uma outra, em que pedia que sua irmã, carinhosamente tratada por Grettchen, viesse morar com êle aqui no Brasil, na Barra do Rio. A irmã recusou-se.

Isso causou profundo pesar a Sallentien que, reconhecendo como muito justas as razões da negativa, lamentava-a, tanto mais que já lhe havia preparado o melhor quarto da sua casa, dotando-o das comodidades que pudera imaginar. Pusera, até, a secar várias tábuas de jacarandá para fazer-lhe o mobiliário.

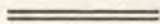
Foi, assim, muito triste que êle recebera a notícia da impossibilidade da vinda da irmã. Em compensação, entretanto, êle dava às irmãs uma notícia muito alegre, que era a do seu noivado com Joana Osterland, uma patrícia sua, que emigrara para Blumenau, juntamente com a irmã casada com um marceneiro a quem os negócios, em virtude de fracassadas especulações em que se metera, iam mal.

A alegria, a felicidade que transparece da narração de Sallentien é comovente. Como um menino, êle conta às irmãs tudo quanto lhe parece exornar a figura, o comportamento e o gênio da mulher por quem se apaixonara e com quem, por fim, acabou se casando.

Naquele tempo, não havia ainda pastor protestante residindo em Blumenau, nem em outra localidade do Vale do Itajaí. Mas, na colônia Dona Francisca, a bela Joinville de hoje, residia o pastor Hölzel que sempre que solicitado, ia a outras colônias alemãs de Santa Catarina para exercer o seu ministério.

A pedido de interessados, êsse pastor veio a Blumenau em março de 1855 e, a 10 dêsse mês, celebrou não só o casamento de Franz Sallentien como, também, o de Júlio Baungarten, imigrante chegado em 1852 e que se apaixonara por uma filha de Pedro Wagner.

As cartas em que Sallentien dá conta dêsses sucessos à família na Alemanha são altamente comoventes e interessantes. Mereciam uma tradução completa, pois, são ricas em detalhes que muito interessam aos historiadores e revelam, como já dissemos, facetas admiráveis do carater dêsse pioneiro da colonização de Blumenau. Foram homens corajosos, honestos, de profundos sentimentos cristãos e de grande sensibilidade afetiva que traçaram os rumos à coletividade blumenauense, orientando-os para a sua atual grandeza e prosperidade. Êles merecem a nossa estima e o nosso respeito. Saibamos honrar-lhes a memória e seguir-lhes os exemplos.



A 1º. de janeiro de 1970, Alfredo do Canto completou 25 anos de exercício no cargo de maquinista do vapor "Progresso". Por isso, os diretores da Companhia Fluvial homenagearam-no oferecendo-lhe um relógio de ouro como lembrança dos bons serviços prestados à mesma companhia.

# Influência alemã no município de ITAJAÍ

Gustavo KONDER

Nos primórdios da formação do município de Itajaí, emancipado da tutela de Pôrto Belo, em 17 de junho de 1860, muitos imigrantes alemães aí radicados ingressaram logo na política administrativa e nas fontes produtivas. Em primeiro lugar relatarei algo sôbre a política administrativa.

No ano de 1861, o senhor José Vicente Haendchen, originário da fracassada colônia de São Pedro, foi o primeiro alemão a ser eleito vereador.

Os seus descendentes, mais tarde, modificaram o nome para Guerreiro, que era o apelido. Outro alemão, sr. Nicolau Malburg (o velho) tornou-se, de 1865 até 1891, político crônico, como vereador e diversas vêzes presidente do Conselho. Foi utilíssimo! O alemão sr. Rudolpho Herbst, viúvo de uma filha do sr. Hoepcke, elegeu-se conselheiro no período de 1877/80 e, em 1893, foi estúpidamente fuzilado, no lugar denominado Cordeiros, pelos remanescentes federalistas, apelidados de maragatos. No mesmo ano, ingressou na política, como vereador e presidente, o sr. Guilherme Asseburg que emigrou da Alemanha em 1870, juntamente com seu primo sr. Luiz Abry (êste, mais tarde, militou na política do município de Blumenau como vereador e depois deputado estadual). O sr. Asseburg era um homem bastante culto e de larga visão, proprietário de alguns grandes navios a vela, com 3 ou 4 mastros, entre êles o "Dom Guilherme", o "Wulf" e o "Fidelidade".

Ao alvorecer do regime republicano, foi nomeado intendente, em 26 de julho de 1890, o antigo imigrante sr. Guilherme Müller (não era parente do lojista sr. Pedro Müller, progenitor do grande itajaiense General Lauro Müller). No quadriênio de 1903/7 o mesmo conquistou a vereança. Era um arquiteto-construtor e, durante dezenas de anos, edificou quase tôdas as casas de material em Itajaí. Eu tive a honra de conhecê-lo quando tinha nove anos. Possuía uma estatura avantajada, com belas barbas à moda do rei Francisco José da Áustria.

Em 1877, até fins de 1915, figurou como político perpétuo, o sr. Samuel Heusi, suiço-alemão, vindo da colônia de Joinville. Ocupou vários cargos como vereador, presidente, superintendente (em 1894), juiz de paz e finalmente negociante. Foi êle quem presidiu o casamento dos meus pais, em 14 de maio de 1903. O incansável batalhador sr. Samuel foi casado com Da. Ana, filha do sr. Pedro José Werner, alemão e primeiro habitante da região de Brusque, antes de ser colonizada. Deixou uma prole numerosa de nove filhos, entre êles o saudoso sr. Marcos Gustavo Heusi, o maior amigo e dedicado colaborador do meu pai, quer na administração quer na indústria. O velho Samuel era avô do sr. Nestor Heusi, atualmente um dos diretores da Companhia Hering.

Também era avô materno do sr. Carlos Seara (Lito) que foi duas vêzes prefeito de Itajaí na época atual. Em 1911, o tcheco-eslovaco sr. Jorge Frederico Tzachel elegeu-se prefeito para completar o quadriênio do sr. Dr. Pedro Ferreira, que faleceu naquele ano. O meu avô paterno, Marcos Konder Senior, emigrado em 1873, vinte e três anos depois da colonização de Blu-

menau, não entrou na política porque não tinha vocação e assim mesmo algumas vezes ocupou o cargo de substituto do Juiz de Direito.

Não menciono a poderosa participação dos inúmeros teutos na política, pois seria enfadonho.

Na navegação, alguns alemães radicados também se salientaram, entre eles o velho comandante sr. Joaquim Rauert, que trouxe da Alemanha diversos navios à vela, encomendados pelo grande armador Asseburg e de outros. Era casado com Melanie Wandal, de origem belga, que residia em Blumenau. Também era avô materno do sr. Ewaldo Willerding, ex-deputado estadual por Itajaí. Outro capitão do longo curso, sr. Alberto Stein Senior, marinhou muitos anos na costa brasileira. A sua numerosa família morava na Barra do Rio, sobressaindo-se o saudoso sr. Alberto Stein, que mais tarde foi prefeito de Blumenau (1936/38). O velho Stein também era avô paterno da minha segunda esposa.

Na indústria e no comércio, o sr. Ernesto Schneider erigiu, no bairro Fazenda, um grande curtume que foi o primeiro do Estado. Exportou todo o couro curtido para São Paulo e muitos veleiros alemães, ancorados no pôrto de Itajaí, levavam o seu produto para a velha pátria de Goethe, segundo me contou o meu sempre lembrado pai. Havia duas cervejarias Troder e Kormann, sendo a primeira estabelecida no bairro da Barra do Rio e a segunda no da Fazenda. O sr. Rudolf Winterberg era proprietário de uma fábrica de sabão e de velas, situada ao lado do antigo cemitério. A sua esposa Da. Lina era massagista formada e praticava tratamentos pelo sistema do famoso padre e sábio Sebastian Kneipp. Também é digno de menção o casal Bernardo e Anna Konopka que militaram: êle como guarda-livros e professor de alemão e ela como parteira diplomada, pois mais de 3.000 itajaenses vieram ao mundo com a ajuda da bondosa e competente Da. Anna. Ambos prestaram inestimáveis serviços à comunidade. Foram os pais do sr. Leopoldo Konopka, alto funcionário da CELESC em Blumenau e que foi o seu único filho.

Na rua Hercílio Luz se estabeleceram algumas prósperas sapatarias, pois naquele tempo não existiam sapatos pré-fabricados. A mais importante era a do sr. João Kracick. Quando eu e meus irmãos éramos pequenos, calçávamos sapatos feitos pelo aludido artesão.

Na mesma rua havia um ótimo empório de ferragens pertencente ao sr. Pedro Bauer, que também fôra vereador eleito em 1891, porém não conseguiu tomar posse por causa da revolução federalista. O sr. Pedro Müller, pai de Lauro Müller, foi o primeiro alemão a estabelecer-se com loja de fazendas, na rua Municipal, depois Conde d'Eu e hoje Lauro Müller. No início da era republicana apareceram duas novas lojas de tecidos e de armarinhos, do sr. Jorge Tzachel e do sr. Kersanach, na atual rua Hercílio Luz.

Além das três principais firmas - Malbug, Asseburg e Konder - existiam pequenas casas comerciais, porém já pertencentes aos teutos, entre elas a do sr. João Bauer, filho do sr. Jacob Bauer, o pioneiro da colonização de Brusque e padrinho de batismo do meu pai. Muitos anos depois, esta firma se transformou na atual Lauer S. A. O fundador desta casa era pai do saudoso sr. Arno Bauer, ex-prefeito de Itajaí. As outras casas eram dos srs. Jacob Bauer Júnior, o alemão sr. Nicolau Burghardt e, o mais nôvo, sr.

Paulo Kleis. O primeiro era progenitor do sr. Paulo Bauer, também ex-prefeito e o segundo era casado com a viúva Da. Mathilde Hund (nata Bauer). Esta senhora era prestimosa e conversadeira. Por causa do sobrenome do seu primeiro marido (Hund), era apelidada pelo povo de Da Cachorrinha.

Na Barra do Rio havia uma padaria, pertencente ao sr. Wilhelm Willert. No tempo da grande corrente imigratória, para as colônias do Vale, êste ativo padeiro fornecia pão fresco para os imigrantes alojados no barracão de recepção e hospedagem, construído pelo grande Dr. Blumenau. Mais tarde o pioneiro sr. Gottlieb Reif, vindo de Blumenau, comprou a serraria, também situada na Barra do Rio, e que pertencia ao meu avô. Alguns anos depois vendeu-a para o sr. João Bauer, para fundar, no antigo alojamento dos imigrantes, a fábrica de papel, que somente começou a funcionar em 1912.

A famosa estrada dos alemães, que liga a Barra do Rio à Itaipava (Alberto Werner), bem como a estrada para Brusque, muitos camponeses alemães e poloneses instalaram aí sítios prósperos com boas casas de alvenaria.

Na esquina, entre as ruas Uruguai e Brusque, havia uma grande casa, hoje demolida, do velho sr. Gabriel Heil, proprietário de muitos cavalos, carroças e carros de mola. Nos grandes dias de festa da Sociedade dos Atiradores, o sr. Gabriel era o supremo comandante dos atiradores. Quando eu era bem pequeno, muitas vezes espiava da janela a passagem dos atiradores, garbosos e compenetrados, e, tendo à frente, o velho bigodudo com uma grande espada ao ombro.

Infelizmente, por falta de dados concretos, deixo de mencionar os inúmeros artesãos alemães, tais como pedreiros, carpinteiros, ferreiros, etc., que também contribuíram para engrandecer o meu torrão natal.

Seria interessante anotar que as abastadas famílias dos primeiros imigrantes alemães, que, em vez de assimilar as tradições de algumas ricas famílias luso-brasileiras, não adotaram a escravidão dos negros. Por exemplo o meu bisavô, Cel. José Henrique Flôres, donatário de toda a zona de Ilhota, possuía muitos escravos. Em 1845, o Cel. Flôres vendeu toda a propriedade aos colonizadores belgas Van Lede e irmãos Lebon, abandonando assim, à mercê do destino, os seus escravos, retendo apenas alguns para os serviços caseiros na sua nova residência em Itajaí. Êle nunca trabalhou, pois viveu sempre como "baronete", à custa do suor dos pobres escravos. Residindo em Itajaí, logo tornou-se chete político crônico (mais de 20 anos). Quando veio a abolição da escravatura, em 13 de maio de 1888 (abençoada data), a família Flôres, já bastante empobrecida desfalcada com o falecimento do seu chefe, dispensou o restante dos escravos. O meu avô, o alemão Marcos Konder Sênior, como bom cristão, recolheu três velhos ex-escravos chamados Manoel Catharina, Domingos Silva e Honorata para trabalharem na sua firma com salários semanais, religiosamente pagos. Quando eu trabalhava na Usina de Açúcar Adelaide, estabelecida em Pedra d'Amolar, perto de Ilhota, alguns prêtos, plantadores de cana, me revelaram orgulhosamente que os seus avós ou bisavós foram antigos escravos do meu bisavô Flôres. Naturalmente fiquei chocadol Por esta e outras razões, talvez, o meu saudoso pai deixou de biografar a família dos meus avós maternos...

Aqui termina a minha descrição sobre a influência alemã em Itajaí. Todos os alemães aí radicados, sem exceção, toram verdadeiros brasileiros, pois amaram e honraram a segunda pátria - O BRASIL.



# BLUMENAU

## E A SUA IMPRENSA

### XXXIV

#### “ANUÁRIO AGRÍCOLA DO BRASIL”

(“Landwirtschaftlicher Kalender für Brasilien”)

Em Indaial, então distrito de Blumenau, apareceu, em 1926, a primeira edição de um calendário agrícola, denominado “Landwirtschaftlicher Kalender für Brasilien”. Dessa publicação, possuímos, apenas, a edição de 1928, a terceira. Formato 22,5 x 16 cm. A terceira edição tem 120 páginas. Foi seu editor C.W.F. Grothe e sua publicação parece não ter ido além desse terceiro volume. As primeiras páginas eram destinadas aos dados cronológicos, meteorológicos e astrológicos, com ensinamentos sobre épocas apropriadas às sementeiras e colheitas dos vários produtos cultivados na Colônia,

A parte literária também era em sua maior parte destinada a ensinamentos agrícolas. Algumas anedotas e curiosidades. A parte tipográfica também não apresenta aspecto muito atraente. É de julgar-se que não despertou muito interesse, apesar de ser grande o número de anúncios publicados, de firmas deste e de outros Estados.

No prefácio da terceira edição (1928) o editor diz que a pedido, editará o Calendário também em português, razão porque fôra alterado o título. Mas, apesar dessa declaração, o Almanaque apareceu todo redigido em alemão, com a tradução, apenas, do rosto em que, além do título, constava o ano, e que era proibida a reimpressão (querendo significar a reprodução) e o nome e o endereço do editor.

A Biblioteca da Sociedade dos Amigos de Blumenau possui, apenas um exemplar da edição de 1928 que julgamos ter sido a última.

### XXXV

#### “O AGRICULTOR”

Sob a direção de Otto Demarchi, que estabelecera uma tipografia em Rio do Sul, apareceu em 16 de maio de 1928, o primeiro número de um semanário chamado “O Agricultor”, naquela então sede do 5.º distrito de Blumenau, ainda denominado Bela Aliança. Era semanário e trazia um suplemento em língua alemã.

Apesar dos esforços que desenvolvemos no sentido de conseguir algum exemplar desse periódico, as nossas providências não surtiram efeito algum. Destarte não podemos acrescentar outras informações a respeito desse

jornal que cessou a sua publicação em maio de 1936, tendo tido, assim, uma existência de oito anos.

Conhecemos Otto Demarchi, que faleceu nesta cidade há já alguns anos, e tivemos oportunidade de admirar a sua extraordinária dedicação ao jornal que fundara, a ponto de ter de vencer percalços e sacrifícios sem conta para publicá-lo com a necessária regularidade. O meio era ainda pequeno e diminuto o círculo de leitores de sorte que só com muito amor pela causa da imprensa poderia Demarchi ter dado tão grande duração ao seu semanário.

## X X X V I

### “REVISTA AGRÍCOLA CATHARINENSE”

O n.º 1.º da revista com êsse nome apareceu em julho de 1928. Tinha 10 páginas, além da capa. Trazia pomposo cabeçalho com os seguintes dizeres, além do título: Propriedade do Govêrno do Estado e das Municipalidades. Diretor-redator E. Pellizzeti. Diretor Comercial H. Meditsch. Fiscalizada pelo sr. Presidente do Conselho de Blumenau, delegado das edilidades do Estado. Redação e Administração, Blumenau. Vinha a seguir indicação dos preços de publicidade e assinaturas. 1 página 100\$000. Capa 150\$000. Assinatura anual: Lavradores, 3\$000; não lavradores 6\$000; protetoras, 12\$000 e número avulso \$500. Do sumário do primeiro número constavam os seguintes artigos: Primeiras palavras; Colaboração de um velho amigo de Santa Catarina; A alimentação das vacas leiteiras durante o inverno; Fruticulturas; a exportação de carnes brasileiras e noticiário.

A revista foi impressa na Tipografia de G. Arthur Koehler, em Blumenau com razoável capa a duas côres, de formato 23 x 32 cm.

Apesar do pomposo cabeçalho e da boa apresentação gráfica a revista não passou do primeiro número. Não sabemos porque razões, surgiram tantas e tão complicadas dificuldades que não foi possível ir adiante com a louvável iniciativa.

Emmembergo Pelizzetti, fundador da revista, era italiano de nascimento. Viera ainda moço para Blumenau e, aqui, tivera grande influência na vida econômica, política e administrativa do Estado. Com o Dr. Giovanni Rossi, diretor do pôsto Agro-Pecuário de Rio dos Cedros, encetou forte campanha entre os imigrantes de origem italiana para o melhoramento da agricultura nas respectivas colônias. Pelas suas idéias liberais, de que o Dr. Róssi e outros residentes em Rio dos Cedros eram extremados partidários, criou alguns problemas que, entretanto, a sua prudência e o seu bom senso puderam superar. Foi escrivão de paz e tabelião em Bela Aliança. Nesse distrito, foi um dos grandes propugnadores pelo seu progresso e pelo seu desenvolvimento. Foi deputado estadual e, justamente quando exercia êsse mandato, é que pensou na fundação da revista de que tratamos. Graças à estima de que gozava junto ao govêrno do Estado, então ocupado pelo Dr. Adolfo Konder, pôde êle obter a promessa da colaboração dos govêrnos municipais para a publicação de uma revista que cuidasse exclusivamente de assuntos agrícolas com vistas ao aperfeiçoamento dos atrasados métodos a que os colo-

nos ainda se encontravam apegados.

Parece que as suas esperanças falharam. A colaboração dos municípios ficou em promessa e a revista não passou do primeiro número. Valeu, apenas, como uma tentativa honesta para ativar e melhorar a situação pouco lisonjeira em que se arrastava a agricultura no município.

## X X X V I I

### “DIE MISTGABEL”

Em Pomerode, então parte integrante do município de Blumenau, surgiu, no carnaval de 1929, um jornal crítico intitulado “Der Mitsgabel” (“O Forcado”), no formato de 23 x 32 cm., com 4 ou 6 páginas.

Como os demais periódicos carnavalescos, êste também tivera origem no espírito folgazão da mocidade pomerodense e destinado à crítica de fatos e gente do lugar. Sua publicação foi irregular. O segundo número apareceu em 1930, o terceiro, em 1934 e o quarto, que supomos tenha sido o último, em 1938. Foi um jornalzinho que fêz graça com bastante humor. “Mitsgabel” tem um significado mais característico que a sua tradução portuguesa, “forcado”. Na versão ao pé da letra, “Mistgabel” significa “garfo de apanhar lixo ou estrume” com que os redatores do jornalzinho puderam fazer interessantes trocadilhos e alusões picantes.

Como editorial do nº. 3, aparece, por exemplo, o seguinte: “Pela terceira vez “Der Mistgabel” vem visitar-te. Tu podes examiná-lo por fora e por dentro, por trás e pela frente, êle responderá ao teu minucioso exame: “tudo é estrume”. Durante cinco anos o jornal não apareceu por causa da forte censura. Mas, nesse meio tempo juntou-se tanto lixo que nós fomos obrigados a arranjar um novo redator”.

Um aviso, publicado como sendo da Sociedade de Ginástica de Pomerode, diz: “É sabido que na hora de exercícios de ginástica das senhoras, não é permitida a entrada de “perús”. Mas, certa noite, ali se encontravam algumas senhoras e alguns homens. Depois da hora do exercício das senhoras, um moço quis mostrar a sua fôrça e habilidade nas barras. Ao fazer um tração, ouviu-se um ruído como de trovoada. Todos os presentes se entreolharam, sem saber de onde viera aquêle ruído. E só quando a sala começou a se encher de cheiro de gás é que todos compreenderam o que tinha acontecido. Tais coisas não devem suceder mais. O chefe de ginástica”.

Nêsse estilo tôdas as brincadeiras e críticas, algumas com enderêço ce-to e fâcilmente identificáveis. Mas sempre dentro de certas medidas de decência, embora quase sempre com bastante pimenta.

Só temos conhecimento de terem sido publicados os quatro números a que nos referimos acima. O Arquivo da Sociedade dos Amigos de Blumenau possui os números 3 e 4. Se algum dos nossos leitores souber da existência, em poder de alguém, dos outros dois números ( 1 e 2 ) queira ter a bondade de dar-nos conhecimento disso.

## XXXVIII

### “SUDARM-GLOCKEN”

Com êsse título, também em 1929, apareceu em Bela Aliança, 5.º distrito de Blumenau”, um outro jornalzinho crítico. Formato 23 x 28,5 cm., 4 páginas. Cremos ter sido publicada essa única edição. Na primeira página “Sudarm-Glocken” (“Sinos de Rio do Sul”), publica, em forma de versos, críticas bem pesadas, às principais figuras e autoridades do distrito.

Essa publicação foi mais um verdadeiro pasquim que fôlha carnavalesca, e, pelo que se deduz tinha a finalidade de, desmoralizando os vários funcionários do distrito, evitar a emancipação do mesmo e a sua elevação à categoria de município, o que se daria no ano seguinte.

É uma fôlha que nem mereceria registro, não estivéssemos interessados em ser o mais completo possível na enumeração dos jornais e outras publicações periódicas surgidas em Blumenau, desde a fundação de sua imprensa até os dias atuais.

## XXXIX

### “DER MOSQUITO”

A “Schutzenverein “NEUE VELHA” (“Sociedade de Atiradores “Nova Velha”) patrocinou a publicação de uma folha carnavalesca, cujo primeiro numero apareceu em 22 de fevereiro de 1930, com o título de “Der Mosquito” (“O Mosquito”). Formato 23 X 32 cm., 4 página. Foi publicado até 1935, (cinco números) ao quanto temos conhecimento.

Como os demais jornalzinhos carnavalescos publicados em Blumenau, êste também se destinava a críticas leves aos sócios da “Nova Velha”, a acontecimentos, personalidades e autoridades blumenauenses.

Havia piadas engraçadas, anúncios ridículos, artigos jocosos, tudo dentro de um espírito de camaradagem e bom humor. Os três primeiros números foram editados sob a responsabilidade da Schutzenverein” nos seus festejos carnavalescos anuais. Os três outros números, de 4 a 6, apareceram tendo como responsável a Seção de Cantores (“Gesangs-Abteilung”) da mesma sociedade de Atiradores.

Marcou época nos meios populacionais do Bairro da Velha, onde se situava a citada Sociedade.

## XL

### “DIE VOLKSZEITUNG”

O ano de 1930 começara em meio a forte tensão político-partidária no país. A luta pela presidência da República, entre Júlio Prestes, candidato impôsto por Washington Luiz e Getúlio Vargas, apresentado pela Aliança Nacional Libertadora, formada pelos estados de Minas, Paraíba e Rio Gran-

de do Sul, tomara aspectos ameaçadores. O prélio travado a 1.º de março resultara na vitória de Júlio Prestes, vitória contestada pelos partidários da Aliança que passaram a tramar a revolução armada.

Blumenau, dentro da tradição que vinha seguindo desde sua fundação, mantinha-se em atitude de expectativa, de absoluta calma, unido em tórno dos chefes republicanos do estado, embora já se fizessem sentir, pela voz de alguns elementos descontentes com a politica local, as divergências que foram se acentuando e que, por fim, influíram nos destinos da Comuna, com a deposição de seu prefeito e da sua Câmara Municipal.

Nesse clima de incertezas e de efervescências políticas, surgiu, a 23 de abril, um novo semanário em lingua alemã, em Blumenau, o «Die Volkszeitung» de propriedade de Emílio Jacobs e redatoriado pelo professor Carlos Techentin. Êsse jornal fêz-se arauto dos descontentamentos e divergências reinantes entre alguns dos políticos locais, entrando logo em luta com os dois outros jornais blumenaueses, em idioma alemão, o «Blumenauer-Zeitung» e o «Der Urwaldsbote», principalmente com êste,

Folha bem impressa em caracteres latinos (ao contrário dos dois outros que usavam cótico germânico), «Die Volkszeitung» não encontrou, já de início, o apoio e os estímulos que os seus fundadores esperavam da população do Vale do Itajaí. Seu formato era de 37,5 x 53,5 cm. geralmente com 4 páginas.

Mais ligado às correntes republicanas, desde o comêços do século dirigentes do município, que aos ideais políticos da Aliança Nacional, Carlos Techentin não permaneceu por muito tempo à frente do novo jornal. Deixou-a redação a 7 de junho de 1930. Substituiu-o nesse pôsto o advogado, provisionado, Max Mayr. Êste, homem inteligente e manhoso, de extraordinária vivacidade, exercera vários cargos municipais e envolvera-se em episódios de que nem sempre se saíra airosamente. Imprimiu ao jornal uma orientação agressiva, de crítica às autoridades, que desagradou até mesmo a muito dos que comungavam das idéias revolucionárias. João Kersanach, que foi empossado pelas fôrças vitorias no cargo de Prefeito Municipal, também fêz parte da redação do «Volszeitung».

Êsse jornal não teve vida muito duradoura. Sua última edição data de 23 de setembro de 1931.

Não possuímos, no Arquivo Municipal, a coleção completa dêsse semanário, o que impede façamos outros e mais minuciosos comentários a respeito de sua curta existência. Segundo nos consta, há uma coleção do «Die Volkszeitung» em poder do sr. Emílio Jacobsen seu fundador, ora residindo no Balneário de Camboriú.

## X L I

### “O BISTURI”

Surge, a 31 de maio de 1931, mais um jornalzinho crítico nesta cidade. Formato 25 x35 cm., com 4 páginas. Do cabeçalho, além do título do jornal, constava: Orgão oficial do «Bloco do Chantin». Diretores:

J. Castro e P.V. Cunha. Repórter: Qualquer desocupado. Expediente: depois das dez. Distribuimos esmolas só aos sábados e aceitamos donativos monetários.

No número 2, à guisa de apresentação do «Bloco», escreve: «O «Bloco do Chantim» nasceu numa noite linda e nostálgica, em que o plenilúnio, dardejando seus raios prateados sobre esta nossa germânica cidade, parecia escutar, embevecido, o som mavioso saído do «riquíssimo» violão do «herói de Catanduvás», o qual, em companhia do Carlinho Medeiros, fazia uma serenata daquelas... Como fundou-se, com que roupa e porque, não podemos agora adiantar, e isso só mesmo os proprietários da Confeitaria Schmit poderão fazê-lo. Apenas podemos dizer que pelas mãosinhas assetinadas do popular ator dramático José Castro foi aquele grupo de patriotas batizado com o nome de «Bloco do Chantim». Naquela mesma noite, pelo método confuso procedeu-se à eleição da sua diretoria: Presidente, Heitor Ferraz; Vice José Castro; Secretário Luiz Reis Tesoureiro, Picucho Cunha; Orador, Moacir Fernandes. Conselho fiscal: Oswaldo Ramos, Ubaldo Sada, Adolfo Machado e João Brito. Gerente da fábrica de farinha e das oficinas tipográficas: Paulo Cunha. O bloco possui um capital de algumas centenas de contos que o benémerito capitalista sr. Sílvio Bley (Bicanca) doou generosamente, ao mesmo e um fundo de reserva contituido pelos lucros fabulosos que o seu órgão oficial «O Bisturi» e a fábrica de farinha do sr. Horácio Cunha lhes proporcionam. Estes patrimônios estão depositados na acreditada cadeia pública, em mão do sr. Carcereiro, para os fins convenientes».

Por aí se pode deduzir das atividades e do estilo do jornalzinho que durou algumas semanas apenas e quais os rapazes que o orientavam.

J. Castro, que, aliás era o tipógrafo que compunha o pequeno periódico, pouco depois deixou de figurar como redator, permanecendo apenas Paulo Cunha. Foi um jornalzinho de brincadeira e blagues inotensivas, tão do gosto dos mocinhos daqueles idos. Comprovadamente apareceu até o 16º número, datado de julho.

O Arquivo da Sociedade dos amigos de Blumenau possui três dos 16 números publicados.

---

Em 1907, a estrada Gaspar e Itajaí ainda nem era carroçável em sua extensão completa. Nesse ano, foi apresentado, na Assembléia Legislativa pelos deputados Bonifácio Cunha, Eugênio Muller, Luiz Abry e F. Margarida, um projeto autorizando o Executivo a mandar reconstruir a parte dessa estrada ainda não carroçável e emitir, para tal fim, títulos da dívida pública com juros nunca maiores de 5%.

## Do meu Caderno de Recordações

### **Razões da Sociedade Amigos de Brusque**

*Ayres Gevaerd*

As vêzes fico pensando quais os motivos que me levaram a reunir e estudar elementos históricos de Brusque. É possível que se prendam em grande parte, aos tempos da meninice, quando ia visitar meus avós maternos, nas Carreiras.

Quando lá chegava, atraído mais pelas guloseimas que minha avó guardava, um gostoso pão de milho, com nata, queijo e açúcar grosso, do que pelos carinhos com de que ela era pródiga para comigo.

Geralmente o casal de velhos se encontrava nos fundos do terreno, enxada nas mãos, capinando. Ao primeiro sinal de minha presença ela, minha avó, deixava o trabalho, mudava de roupa, fazendo-me depois sentar com ela na varanda. Contudo, antes de iniciada a palestra, fazia-me rezar o Pai Nosso e o Creio em Deus, em alemão.

Depois das perguntas preliminares, que giravam invariavelmente em tôrno do meu comportamento em casa, serviço, escola, etc. eu procurava desconversar, pedindo-lhe para contar histórias dos primeiros tempos, quando tudo se iniciava em Bruque, ataque de bugres, presença de bichos ferozes, etc. etc. Minha avó foi participante da 6.ª leva de imigrantes, e tinha 10 anos quando sua família foi instalada no caminho para a Guabiruba.

Tinha prazer em contar coisas do passado, das alegrias, das vicissitudes, das festas, do velho Schnéeburg, enfim de toda vida colonial dos primeiros tempos. Nunca me esqueci de um fato que ela relatou diversas vêzes: Certo domingo a família resolveu visitar parente e amigos localizados em outra linha colonial, muito distante da sede, cujo nome não recordo mais. Lá chegando, encontraram uma família inteira em plena atividade na roça, ninguém em casa, para o repouso que o domingo oferecia. Surpresos com a visita, mais ainda ficaram quando souberam que era dia santificado. Absorvidos na faina diária, perderam a noção dos dias na semana. A alegria do encontro, traduziu-se em abraços e lágrimas.

Tempos depois, moço já, anotei alguns de seus relatos, que espero aproveitar, nestas reminiscências.

Outra facêta que ficou em meu espírito foram velhos clientes que meu pai recebia na oficina de relojoaria. Vindos do interior, de várias linhas coloniais, contavam a meu pai o trabalho nas derrubadas e roças. A maioria dessas amizades de meu pai eu as tenho em fotografia feitas em 1935 por ocasião do 75.º aniversário de Brusque. Lembrança feliz do então Prefeito Victor A. Gevaerd, reunindo no salão da casa S. José as pessoas mais idosas do Município, junto com autoridades e personalidades que nos visitavam então.

Mais tarde, 25 anos depois, pelo centenário, foi possível a reuni-

ão das então venerandas e respeitáveis pessoas de Brusque, nos Atiradores. Nenhum dos velhos de 1935 lá estava, como hoje, 1970, os que participaram da reunião do centenário não mais se encontram entre nós.

A fotografia de 1935 me impressionou fortemente. Quem pudesse reunir a vida de cada um desses velhos, que representaria, sem dúvida a verdadeira história de Brusque: os primeiros dias, as lutas pela sobrevivência, a Família, as dôres e as alegrias, o velho Schuetzen Verien, as Igrejas, enfim toda vida de uma respeitável comunidade como sempre foi e será a nossa!

Não era possível deixar no esquecimento o trabalho dessa gente quase todo concentrado no amanho da terra que êles receberam.

Imaginava suas figuras silenciosas, curvadas sôbre os sulcos da terra que êles traçavam com seus instrumentos de trabalho. Em seus rostos lia as vicissitudes e alegrias, e procurava compreender suas esperanças nos dias vindouros.

Ia assim pelo mundo da Imaginação, reconstituindo suas vidas, no trabalho, na Família, na escola, nas Igrejas e nas Festas!

E a preocupação de ver o trabalho desses homens e mulheres ficar no esquecimento, não raro, se repetia em meu espírito.

Gerações se sucederam e a vida brusquense se registrava simplesmente na tradição oral com uma ou outra crônica em jornais ou almanaques familiares, sem expressão maior e que o amanhã faria infelizmente desaparecer.

Comecei a guardar tudo o que se relacionava com o passado brusquense: jornais, anotações, postais, fotografias, objetos, etc., o suficiente para encher alguns armários e prateleiras; para deixar pela casa aquêle cheiro característico de cousas antigas e que necessitam ser arrumadas e coordenadas.

A idéia da fundação de uma entidade cultural que seria a guarda desse material e de outro a se reunir, foi tomando vulto. Outros brusquenses tinham identidade com êsses sentimentos; comungávamos o mesmo Ideal.

E assim, em 1953, fundou-se a Sociedade Amigos de Brusque, com a finalidade, entre outras, de reunir a história de Brusque.

E conseguiu-o, graças a Deus!

Há que tomar o precioso acervo reunido; distribuí-lo e classificá-lo convenientemente.

Aproxima-se cada vez mais o dia em que a Sociedade Amigos de Brusque terá dentro de sua Casa toda a nossa História: nos livros, nos documentos, nos jornais, nos retratos e fotografias e nos objetos, que contarão, dia a dia, o trabalho pioneiro do desbravador e do imigrante, do trabalhador comum, do operário, do comerciante, do industrial, do servidor público, do professor. E a contará de maneira equânime, relevando o mérito de cada atividade nobre e digna do Homem. Será o reconhecimento do Mérito de toda ocupação útil como preceitua o Rotary Internacional.



# REMINISCÊNCIAS

*H. P. Zimmermann*

Nos últimos dias do ano passado, devíamos ver o cometa Tago-Sato-Kosaca. Como denuncia o seu nome, foi descoberto por astrónomos japoneses. Aqui, em Curitiba, não tivemos o gosto de vê-lo, porque o céu sempre nublado, impediu que o vissemos.

A passagem deste cometa pelos nossos céus, fez-me lembrar um outro, há muitos anos passados, o cometa Halley, que passou pelos nossos céus em 1910. Como agora, também naquela época houve muita gente que se encheu de temor, quando foi anunciada a passagem do cometa. Mil e uma conjeturas, muitos pareceres e opiniões foram emitidas. Muitos temeram estar chegando o fim do mundo, outros temeram um encontro do cometa com a terra do que poderiam resultar grandes catástrofes e flagelos para a humanidade,

Quando os jornais anunciaram que o cometa Halley devia aparecer e meu pai nos contou a novidade, descrevendo o fenómeno em tôdas as suas minúcias, grande foi a nossa expectativa. Nunca tínhamos visto um cometa e não podíamos fazer idéia, de como seria o que devia aparecer em breve. Uma estrela com cauda? Devia ser coisa muito curiosa! Como podia uma estrela ter cauda? Seria ela semelhante às caudas das arraias que soltávamos quando havia vento? Os cometas que até então conhecíamos, eram os viajantes comerciais, representantes de firmas radicadas em grandes cidades que de vez em quando apareciam em Gaspar. Era uma noite bastante fria, quando papai

nos chamou, mais ou menos às tres horas da madrugada e nos levou ao pátio de nossa casa para vermos o cometa Halley. O céu estava muito estrelado e entre às estrêlas, um pouco para Leste, brilhava o cometa com sua enorme cauda em forma de leque. Foi uma visão deslumbrante, coisa como que milagrosa e sobrenatural, imponente; enfim, um cometa soberano e de uma luminosidade fascinante.

Tôdas as noites, antes de deitar-me eu pedia a papai que me acordasse para ver mais uma vez o lindo cometa. Muitos dos meninos, meus companheiros de escola, também o viram com muita alegria, mas havia alguns dêles, que o olhavam com certo temor, porque haviam ouvido comentários a respeito do fenómeno, que a muitos parecia indicar perigo iminente. Havia gente que, observando a mudança da posição do cometa, que se inclinava sempre mais para Leste, temia que sua cauda viesse roçar o morro do Baú, acreditando que disto poderia resultar uma catástrofe, sem porém poder precisar o que poderia acontecer, porquanto as suposições iam desde um desmoronamento do morro, até um incêndio de proporções inéditas. Durante alguns dias vimos o cometa Halley. Para mim, até hoje, êle é uma visão inesquecível, por isto que aborreceu-me não poder ver o cometa «japonês».

Como já disse, o aparecimento do cometa Halley desencadeou entre nossa gente os mais descontraídos comentários. Homens e mulheres de idade, relembravam guerras e catástrofes ocor-

ridas em eras antigas, que foram atribuídas como consequência do aparecimento de algum cometa. Outros viam no cometa um aviso de Deus, para que a humanidade pervertida abandonasse os caminhos do mal e fizesse penitência. Um senhor idoso, que possuía alguns livros antigos, disse ter lido num dêles que, quando aparecia um cometa no céu, «um terrível feixe de fogo, vara de castigo ou espada de extermínio», Deus na sua imensa bondade queria advertir a humanidade dos perigos e riscos que ela estava correndo se não voltasse ao caminho do bem. Mas havia também outros que afirmavam que o aparecimento de um cometa era anúncio de anos de grande alegria e felicidade para a humanidade, pois fôra também um cometa que anunciara aos Três Reis Magos o lugar onde havia nascido o menino Jesus. Finalmente havia os supersticiosos, que atribuíam aos cometas forças mágicas, as quais, se captadas por alguém por meio de práticas cabalísticas, dariam ao felizardo forças mágicas, que o capacitariam a realizar tudo o que quizesse, que teria grande êxito nos negócios, que conquistaria o amor da mulher amada e desejada, inclusive o poder de se fazer invisível quando quizesse fazer. E contavam inúmeros casos, de como tais pessoas teriam encontrado tesouros encantados, adquirindo muitos bens e posição social, guindando-se sem nenhum esforço à posição de mando e tornando-se invencíveis nas lutas e guerras, tornado-se grandes heróis.

Todos êstes comentários, que causavam temor a alguns e incredulidade a outros, causando hilaridade aos mais sabidos, pouco afetavam a nós, os meninos, que os ouvimos com interêsse e curio-

sidade, mas não lhes atribuíamos maior importância. O que nos interessava realmente, era a beleza do cometa. Crivávamos nossos pais com tôda sorte de perguntas, tais como: como é que se formavam cometas no céu, como podiam êles caminhar entre as demais estrêlas, sem nelas roçar ou colidir, como a cauda podia ficar intacta, se era constituída de gazes luminosos ou miríades de pequeníssimas estrêlas, porque o cometa não estava sempre no céu e só aparecia em determinadas épocas, conforme nos haviam contado.

Como se vê, nós éramos bem curiosos e muito interessados em fenômenos tais, como era o aparecimento de um cometa. Relembro êstes fatos por uma simples razão: quer me parecer que a juventude de meu tempo era muito mais interessada nestes fenômenos, como o era o aparecimento de um cometa, do que o é a juventude dos dias atuais. Muitos meninos aos quais eu perguntei, se viram o cometa que fôra anunciado pelos jornais e pelo noticiário do rádio e da televisão, responderam-me, que esqueceram de vê-lo, que esqueceram de marcar a hora em que seria visível. Êle, o cometa, nem de longe mexeu com a fantasia dêstes meninos. Terão êles ainda um pouco de fantasia, ou a mente dêles está unicamente povoada de realismo puro, êste realismo que os incapacita de sonhar, que lhes rouba esta grande felicidade, que é a de viver uma juventude sadia, uma juventude povoada de imaginação, de coisas bonitas, uma juventude não artificial e repleta de problemas, enfim, uma juventude capaz de armazenar forças para, mais tarde, saber enfrentar as vicissitudes e os revêses que a vida não poupa a ninguém?

## UM POUCO MAIS SÔBRE BUGRES

Como se sabe, os indígenas que infestavam o vale do Itajaí deram muito que fazer e causaram grandes prejuízos aos primeiros colonizadores, inclusive roubando a vida a muitos dêles.

Brusque não escapou a essa sorte. Várias foram as vezes em que os selvagens apareceram agredindo os imigrantes nos seus lotes e ranchos. Há, a êsse respeito farta documentação nos arquivos da Sociedade dos Amigos de Brusque. Transcrevemos, hoje, dois officios do Barão de Schneéburg, datados de 1863 e que nos foram enviados, por cópia, pelo nosso prezado colaborador Ayres Gevaerd: O primeiro dêsses officios é de 5 de setembro e diz: «Tendo-se mostrado de novo os Índios (bugres) no Ribeirão do Cedro, lugar denominado Pedra Grande, no Itajaí Mirim, contíguo à Colônia, no mesmo lugar onde em março do corrente ano já peceram três vítimas, levo ao conhecimento de V. Excia. a reaparição dêsses gentios e rogo a V. Excia. de mandar-me uma fôrça de soldados com sua necessária munição que, batendo as matas seguindo as extensas e largas picadas dos Bugres, os afugentem e expilam dos seus estabelecimentos, estacionando nos lugares mais expostos aos ataques repentinos dos bugres, protegendo e defendendo assim as vidas e propriedades das famílias, o que os colonos, por si e sem disciplina regular, moradores em dispersos e distantes lotes, além de grandes despesas, debalde tentariam alcançar».

O outro officio é de 10 de dezembro e ambos dirigidos ao Presidente da Província, Pedro Leitão da Cunha:

«Na noite seguinte à partida de V. Excia. desta Colônia, reapareceram os bugres noturnamente, fazendo bulha no mato, batendo nas árvores e imitando gritos de galinhas, no mesmo lugar em que V. Excia. foi reconhecer uma pessoa nos lotes de João Jorge Schmitt e Carlos Mathus.

Os animais e cães refugiaram-se, uivando, para as casas dos ditos colonos e, assim, tôda a gente está com medo e alarmada. Ontem, no dia 9 do corrente, pela tarde, apareceu junto à casa de Gustavo Rose, um porco do mato a tôda brida e, pouco depois, a mulher do mesmo colono, viu as costas nuas, de côr castanho de alguém que abaixo engatinhou ao longo da cêrca de sua roça para o Rio Guabiruba, desaparecendo no mato. Envio gente armada para bater de frente e dos fundos destas situações os matos e para perseguir os rastos, caso os encontrassem. Eu mesmo vou com um partido e o escriturário com outro. E quanto tenho com pressa de levar ao conhecimento de V. Excia. para que determine as providências como bem julgar.»

Em outras oportunidades daremos à publicidade o teor de outros officios, de utilidade para os que estudam a história e o comportamento dos primitivos moradores dos sertões banhados pelos rios Itajaí e as providências postas em prática pelos desbravadores para se protegerem dos constantes assaltos de que foram vítimas.

## 55°. BATALHÃO DE CAÇADORES

Do «Novidades», de Itajaí, de 28 de março de 1909, n.º. 252: «De regresso de sua viagem a Blumenau, em companhia dos srs. tenentes Vital Cardoso e Flávio Nascimento e do dr. Vitor Konder, seguiu ontem para Florianópolis, o sr. Tte. Coronel Crispim Ferreira, comandante 55º Batalhão de Caçadores que vem estacionar na vizinha cidade.

O sr. Tte. Cel. Crispim teve em Blumenau uma recepção cordial e que o impressionou muito agradavelmente. As autoridades ali e os seus principais homens foram solícitos em cercá-lo de atenções e finesses, em fornecer-lhe todos os dados e informações de que necessitava para o bom êxito do fim que ali o levava.

Por enquanto nada há de definitivo sôbre o local de aquartelamento da tropa; o que só será resolvido no Ministério da Guerra, após os esclarecimentos daqui levados; entretanto sabemos que é pensamento do sr. Tenente-coronel Comandante, alojar provisoriamente o batalhão num grande prédio sito numa das travessas de Blumenau, e de propriedade do negociante sr. Aleandro Lenzi. Aí instalada a fôrça, dar-se-á comêço a construção de um quartel, no lugar onde esteve a hospedaria de imigrantes e que pertence ao govêrno.

Êsse local, mais do que nenhum, é apropriado a tal fim, porquanto está um pouco retirado da cidade, é bastante espaçoso, dispondo assim de um campo de exercício e próximo há um manancial de muito boa água que será canalizada para o quartel.

O edificio onde funciona a Câmara Municipal e outras repartições públicas federais e estaduais, pertence à União, pois foi construído no tempo do Império pela comissão de Colonização. Em vista disto, o Conselho Municipal, receiando fôsse êle aproveitado para quartel, o que causaria um grande transtôrno para o município, votou, em sessão de 2ª. feira última, uma verba de 20 contos de réis para auxiliar a construção de futuro quartel, mas sob condição de ser passada a propriedade do prédio ao município de Blumenau. O sr. Tenente Coronel Comandante é portador dessa proposta, cuja aceitação naturalmente depende não só do Ministério da Guerra como do da Viação e Obras Públicas, ao qual pertence aquêle próprio

Um dos prédios que na opinião geral reunia em Blumenau tôdas as condições para um excelente quartel era o convento dos frades franciscanos. E essa fama chegando ao conhecimento das superiores autoridades militares, essas solcitaram informações acêrca das condições de aquisição daquele convento. Todavia, o que parece fora de dúvida é que os franciscanos continuarão no seu convento pois o edificio é grande demais para aquartelar apenas um batalhão.

O 55°. de caçadores deverá chegar a Blumenau, entre os dias 20 e 25 do próximo abril. O seu transporte será feito diretamente do Rio de Janeiro a Itajaí, provávelmente em um dos vapores da companhia Lage. Chegado aqui em Itajaí, serão êle e tôda a bagagem transportados para bordo de embarcações da Companhia Fluvial, que os levarão, sem nenhuma demora, ao seu destino.

Em Blumenau já se acham alugadas diversas casas para residência dos oficiais. Acêrca do efetivo do 55º. podemos completar as notas anteriormente publicadas. O batalhão compõem-se de 120 praças, dos quais 30 formam a banda de música e 18 oficiais. Adido ao 55º., virá um pelotão de engenheiros, isto é 30 praças, comandadas por um engenheiro militar e encarregada de construções de pontes e caminhos por ocasião de movimento do Batalhão.

Conforme dissemos acima, o sr. Comandante Crispim teve o mais fidalgo e cativante acolhimento em Blumenau. Uma excussão na Estrada de Ferro, até o lugar Ilse, a 35 Km. da sede lhe foi porporcionada tendo-lhe então sido oferecido um almôço na estação de Warnow. Ss. teve ocasião de visitar grande número de estabelecimentos industriais.

Na ocasião de seu regresso, veio acompanhá-lo até a bordo, grande número de pessoas.

---

Por mais de uma vez, temos feito referências, nestes 'Cadernos' à personalidade do pastor Hermann Faulhaber e da sua admirável atuação como professor, como jornalista e como pároco da Comunidade Protestante de Blumenau, nos fins do século passado e começos dêste. Cumprida a sua missão em Blumenau, Faulhaber voltou à sua terra natal e foi ser pastor de uma localidade próxima a Berlin. Grande amigo do Brasil, não esqueceu a nossa terra pelo resto da sua vida. Lia diàriamente os jornais do Rio de Janeiro, que continuava assinando, hasteava a bandeira brasileira na fachada de sua residência nos nossos dias feriados ou quando personalidades importantes brasileiras visitavam a capital alemã. A propósito da atividade dêsse pastor em Berlin, lemos no "Novidades", de Itajaí, de 22 de dezembro de 1907: "Realizou-se, em Berlin, a 13 de novembro, na sede da Sociedade Sul Americana uma conferência sôbre o Brasil pelo dr. Hermann Faulhaber. O conferencista ocupou a tribuna por espaço de hora e meia, sendo escutado por grande número de sócios e famílias convidadas, notando-se entre êles os snrs. Rud Dreydorff, Georg Bon, Paul Schriz, Carlos Gerke, A. Hernsdorff e muitos outros. Ouvido com grande atenção, fêz em primeiro lugar o dr. Faulhaber um resumo histórico da colonização no Brasil; passou depois a falar sôbre as escolas e organização do ensino em Santa Catarina vias de comunicação, imprensa e literatura brasileira. Ilustrou sempre a exposição com dados estatísticos e citação de fatos por êle mesmo observados durante a sua permanência em Blumenau e outros pontos do Brasil. Pretendendo analisar e fazer ver a falta de possibilidade de um perige alemão no Brasil, o dr. Faulhaber fêz um estudo das obras do Dr. Silvio Romero e Tobias Barreto e lembrou a opinião do Barão do Rio Branco e do dr. Lauro Muller sôbre o assunto.

Referindo-se a certas idéias que os alemães fazem dos nossos índios e cobras foi tratada com muito espírito essa parte. Procurou mostrar que as cobras e os índios são fatores absolutamente incapazes de danificar uma colônia e tratou com entusiasmo da natureza do nosso país.

"Apesar de possuir cobras venenosas, dizia o orador, nem por isso deixa o Brasil de ser um paraíso. No verdadeiro paraíso de Adão não deixou de existir a serpente". Ao terminar a conferência, o dr. Faulhaber recitou uma poesia patriótica e uma tradução da

"Minha terra tem palmeiras  
Onde canta o sabiá"

tão conhecida de todos os brasileiros".

## COISAS DO DESTINO

Como se sabe "D. José de Camargo Barros, bispo de São Paulo, morreu no naufrágio do vapor "Sírio", no regresso da viagem que empreendera a Roma, na visita "ad límina", que fizera ao Papa. O fato ocorrera ao largo da costa da Espanha, a 5 de agosto de 1906. Pois bem: Na ocasião desse terrível desastre, pessoas residentes em Itajaí, lembraram-se que, por ocasião da primeira visita pastoral daquele prelado a Santa Catarina, visitou, também a paróquia da Penha. De Itajaí o saudoso bispo seguiu para Penha a bordo do rebocador "Jan", pertencente à firma Grewsmuehl, desta cidade. Acompanhava o prelado grande comitiva de amigos, católicos, e autoridades. Transposta a barra de Itajaí pela embarcação repleta de gente, desabou tremendo temporal e o "Jan" esteve vai não vai ao fundo. Antigos capitães e marinheiros, que também se achavam a bordo, no cortejo do bispo, já haviam até desanimado, certos de que o penavio não escaparia. Dizem que só D. José não perdeu a calma nem a esperança queno no salvamento.

Não seria a viagem do "Jan" e a tempestade que o bateu um aviso a D. José do triste fim que o esperava?...

A estrada de cargueiros entre o Alto Rio dos Cedros e a margem direita do Rio Prêto, foi terminada em 1907. Seu contratante foi o sr. Leopoldo Hoeschl que recebeu, por ela, 63 contos de réis e mais 7 contos e trezentos em apólices.

### — BLUMENAU EM CADERNOS —

*Fundação e direção de J. Ferreira da Silva*

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) NCr\$ 6,00 —

Redação e Administração: Alameda Duque de Caxias, 64

**Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil**

Fábrica de Artefatos Têxteis

**ARTEX S.A.**

**Fiação e Tecelagem**

Rua Progresso, 150 — Fone 22-1033

Caixa Postal, 10

**Fábrica especializada em:**

- ★ TECIDOS FELPUDOS
- ★ TOALHAS DE ROSTO
- ★ PISOS PARA BANHEIROS
- ★ TOALHAS DE BANHO
- ★ ROUPÕES DE BANHO, etc.

B L U M E N A U

S a n t a C a t a r i n a



Centrais Elétricas de  
Santa Catarina S.A.

SETOR BLUMENAU - Cx. Postal, 27 - Al. Duque de Caxias, 83 - End Tel.: «SETORCELESC» - STA. CATARINA